

# 100 Maiores e Melhores – 24ª Edição

## Recuperação ou sobrevivência?

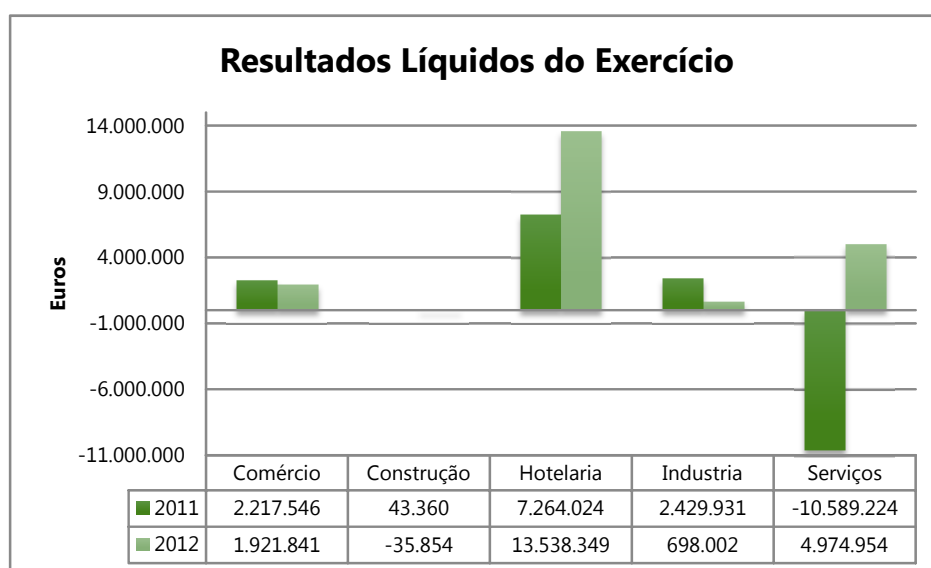
A edição 24 das 100 maiores e melhores empresas da Madeira, reuniu novamente 113 empresas do nosso tecido empresarial, distribuídas pelos sectores do comércio (25), Construção (3), Hotelaria (16), Industria (17) e Serviços (52).

Ao contrário de idênticos eventos nacionais, em que as empresas são consideradas no evento compulsivamente, sem autorização prévia, com recurso a bases de dados públicas mas onerosas, este evento caracteriza-se pelo carácter optativo que cada empresa tem, por sua livre e espontânea vontade, em candidatar-se ao evento. Este tipo de opção, pela sua transparência e ausência de medo na divulgação dos seus dados, merece, independentemente do prémio que vier a ganhar, um louvor por parte da organização.

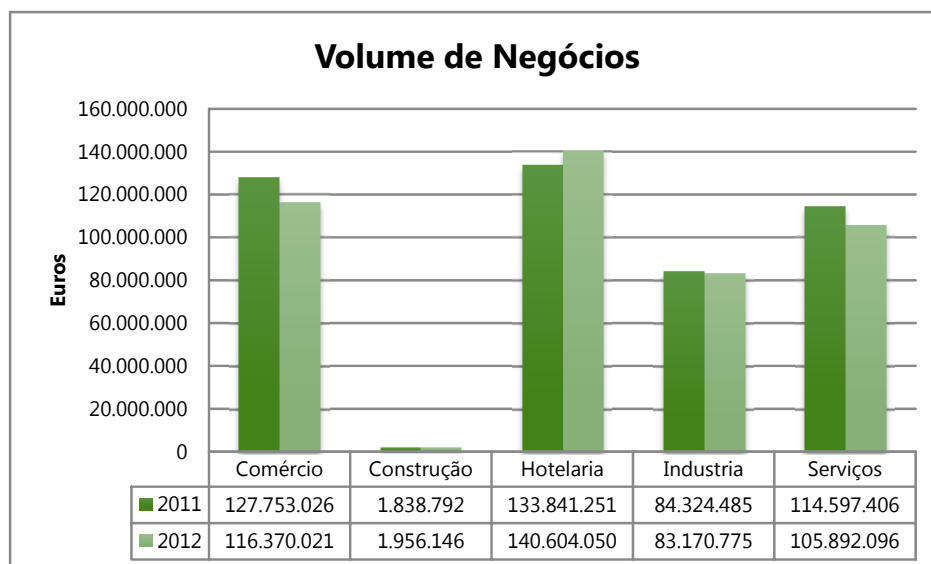
Neste grupo de corajosas, 2 delas preenchiam os requisitos para a candidatura ao prémio rookie, sendo que uma destas, por ter menos de 2 exercícios económicos, não preenchia os requisitos para candidatar-se ao prémio global, registando-se desta forma 112 candidatos aos prémios gerais.

De referir desde logo a diminuta participação das empresas do sector da construção (3), que ainda assim são reveladoras do actual estado económico deste sector, influenciado pela crise imobiliária e desaceleramento dos investimentos em obras públicas. É aliás, este o único sector com resultados agregados negativos no exercício de 2012.

Em contraciclo, ou talvez não, 78 empresas das 112 participantes obtiverem resultados positivos em 2012, sendo que em termos globais os lucros cresceram significativamente face a 2011. Este é um indicador, ainda que representativo de uma amostra de empresas do nosso tecido empresarial, de que efectivamente o ano de 2012 não foi tão mau quanto a generalidade dos indicadores económicos nos fizeram transparecer.



Em termos de volume de negócios, verifica-se contudo, uma tendência contrária, sendo que apenas a Hotelaria regista um aumento digno de registo.

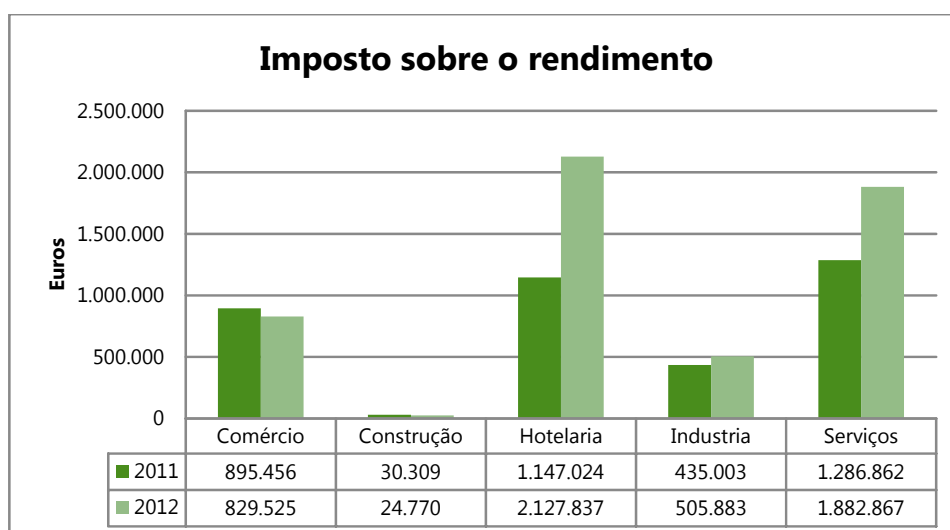


A conjugação destes dois factores leva-nos longe na análise dos impactos da crise na saúde financeira das empresas. O tão apregoado crescimento como único factor de salvamento da economia, pode, por um simples raciocínio microeconómico como este, ser facilmente refutado. Como podemos verificar, o crescimento em termos de volume de negócios, não representa uma melhor utilização e distribuição dos recursos.

Verifica-se que apesar da redução do volume de negócios houve um aumento dos resultados líquidos generalizado, indicando uma melhor utilização dos recursos e uma adaptação às contingências da crise financeira. Aqui, a teoria económica vem comprovar que os abalos económicos, denominados de crises, servem para refrear os ânimos e adequar a oferta empresarial à procura de mercado, obviamente, com todos os impactos sociais ao nível da escalada da taxa de desemprego que estas reestruturações acarretam.

No tocante ao impacto da operação das empresas nos cofres do estado, no que aos impostos sobre o rendimento das pessoas colectivas diz respeito, denota-se uma variação positiva dos gastos com impostos, essencialmente justificado pelo aumento das taxas de imposto. Note-se que o imposto na Região, passou de um apuramento por escalões, de 10% para resultados até aos 12.500 euros e 20% para resultados superiores a 12.500 euros, em 2011, para uma taxa única de 25% em 2012, o que em alguns casos, nomeadamente nos resultados mais baixos, pode justificar um aumento de 150%.

Neste contexto, o aumento dos gastos com impostos aumentaram cerca de 42% face ao ano anterior.



Ao nível dos gastos com pessoal e empregabilidade, verifica-se uma redução dos gastos com pessoal com efeito directo na redução do salário bruto mensal, uma vez que o número médio de trabalhadores aumentou no exercício de 2012. Neste enquadramento, denota-se um impacto significativo na redução dos salários verificados no sector dos serviços.

Sector	Custos com Pessoal 2011	Custos com Pessoal 2012	Número de Trabalhadores 2011	Número de Trabalhadores 2012	SB Mensal 2011	SB Mensal 2012
Comércio	10.943.840	10.016.053	535	510	1.180	1.134
Construção	552.604	536.351	34	38	938	815
Hotelaria	34.506.840	33.804.585	1.856	1.880	1.073	1.038
Industria	9.816.415	9.512.797	844	826	671	665
Serviços	22.799.750	20.247.647	1.374	1.441	958	811
<b>Total</b>	<b>78.619.450</b>	<b>74.117.434</b>	<b>4.643</b>	<b>4.695</b>	<b>977</b>	<b>911</b>

Nota: SB Mensal = [(Custos com pessoal / Número de Trabalhadores) / 1,2375] / 14

Do ponto de vista do equilíbrio financeiro, verifica-se uma ligeira diminuição da Autonomia financeira, contudo, salienta-se o aumento deste indicador no sector dos serviços, apesar da redução no sector do comércio e industria.

Sector	Activo Líquido 2011	Activo Líquido 2012	Capitais Próprios 2011	Capitais Próprios 2012	Autonomia Financeira 2011	Autonomia Financeira 2012
Comércio	87.061.869	85.188.663	46.182.129	47.645.276	53%	56%
Construção	5.542.916	4.638.662	2.392.324	2.258.916	43%	49%
Hotelaria	718.368.409	698.976.769	312.603.316	310.796.242	44%	44%
Industria	191.844.517	188.959.146	111.160.926	111.552.737	58%	59%
Serviços	490.005.248	460.872.074	288.233.890	251.038.822	59%	54%
<b>Total / Média</b>	<b>1.492.822.959</b>	<b>1.438.635.314</b>	<b>760.572.585</b>	<b>723.291.993</b>	<b>51%</b>	<b>50%</b>

No tocante aos Grupos Económicos, o Volume de negócios ascendeu a cerca de 404 milhões de euros, representando um aumento de cerca de 8% face ao ano anterior. Já nos Resultados líquidos, observamos um aumento de cerca de 77%. Esta performance extremamente positiva é essencialmente justificada pela recuperação do sector dos serviços que no ano anterior apurou prejuízos e que verifica resultados positivos no ano de 2012. No que respeita à empregabilidade, verificamos um aumento de 500 funcionários, representando um aumento de 11% face ao período anterior.

Em jeito de conclusão, apraz referir que apesar da nossa economia regional estar a sentir as agruras de uma forte crise financeira, os indicadores retirados de um grupo de empresas permite-nos concluir que nem tudo está mal. Existem bons exemplos de solidez e realismo antecipado que fizeram com que as insolvências e planos especiais de revitalização não fossem as únicas saídas para a crise.

A estes bravos e competentes gerentes, administradores e funcionários, os nossos parabéns.

## Evolução dos últimos 6 anos

---

Uma análise curiosa aos valores disponibilizados pelas empresas concorrentes é a evolução dos diversos indicadores ao longo dos últimos anos. Desta feita, se analisarmos os dados das empresas que consecutivamente se candidataram nas últimas 6 edições (61 empresas), obtemos algumas conclusões interessantes.

Entre elas, destaca-se a correlação ou a falta dela, existente entre o volume de negócios e os resultados líquidos. Verifica-se que apesar de atingirmos uma correlação de 0,85, seria de esperar (ou talvez não) uma correlação muito próxima de 1. Quero com isto dizer que as variações existentes no volume de negócios não têm um impacto directo nos resultados líquidos, ou pelo menos, na mesma proporção relativa. Adicionalmente, verifica-se que no período analisado (2007 a 2012) o primeiro impacto da crise, em 2009, teve uma repercussão muito mais acentuada nos resultados líquidos do que as oscilações posteriores. Esta análise permite-nos concluir que as empresas adaptaram-se aos primeiros impactos da crise e estão neste momento menos voláteis aos ciclos do mercado, apresentando estruturas de custos variáveis em detrimento de custos fixos como se verificava até ao início da actual crise.

Outra curiosidade é o facto de não haver qualquer relação entre a antiguidade das empresas e o aumento dos lucros. Da análise efectuada, verificou-se impactos de igual significado tanto em empresas constituídas há mais tempo como nas mais recentes.

Na presente edição, os indicadores utilizados para a avaliação das empresas permaneceram inalterados face à edição anterior, e podem ser analisados como segue:

<b>Critérios</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Peso</b>
1. Dimensão	Volume de Negócios	50%
	Activo Líquido	50%
2. Rentabilidade	Rentabilidade do Activo (ROA)	33.33%
	Rentabilidade dos Capitais Próprios (ROE)	33.33%
	Rentabilidade do Volume de negócios (ROV)	33.33%
3. Dinamismo	Varição do Volume de Negócios (Relativa)	25%
	Varição do Volume de Negócios (Absoluta)	25%
	Varição Rentabilidade do Activo (ROA)	16.66%
	Varição Rentabilidade dos Capitais Próprios (ROE)	16.66%
	Varição Rentabilidade do Volume de negócios (ROV)	16.66%
4. Contribuição das Empresas para Economia	Crescimento do VAB (Relativo)	25%
	Crescimento do VAB (Absoluto)	25%
	Varição dos Postos de Trabalho (Relativo)	25%
	Varição dos Postos de Trabalho (Absoluto)	25%
5. Equilíbrio Financeiro	Autonomia Financeira	50%
	Liquidez Geral	50%